

## **ESTÁGIO CURRICULAR: EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL CORONEL TONICO FRANCO (2013)**

Bruno Taumaturgo Bandeira; FACIP-UFU; brunotaumaturgo@hotmail.com  
Cristiele Maria do Nascimento; FACIP-UFU; cristielenascimento@live.com  
Juradir Ribeiro Muniz, FACIP-UFU; jurandirmuniz\_@hotmail.com

### **Resumo:**

O presente texto tem como objetivo apresentar as observações e reflexões evidenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado IV, realizado nas turmas de terceiro ano matutino do Ensino Médio da Escola Estadual Coronel Tônico Franco, localizada na cidade de Ituiutaba/MG, sob supervisão do Prof<sup>o</sup> Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior. A produção deste foi inicialmente utilizada como requisito parcial para aprovação de disciplina, e posteriormente, após correções e novas reflexões, fora organizado para apresentação na II Semana de História da FACIP – UFU. Em primeiro momento descrevemos e apresentamos o espaço escolar, informando a quantidade de professores e demais funcionários, infra-estrutura, e sua posição diante das demais escolas da cidade. Em seguida, discorremos sobre o processo de construção da sequência de ensino e das experiências no espaço escolar, dialogando diretamente com autores como Juarez Dayrell, Miriam Hermeto e Eric Hobsbawn – uma vez que o tema escolhido para regência foi a Primeira Guerra Mundial; além dos documentos oficiais como as Orientações curriculares para o Ensino Médio, Currículo Básico Comum (CBC-MG), e utilizando como base teórica autores como Dominique Julia e Ana Maria Monteiro. Por fim, apresentamos e analisamos os resultados obtidos no seu momento de aplicação, utilizando, para isso, fragmentos de textos produzidos pelos estudantes da escola campo de estágio; questionando-nos se objetivos foram plenamente alcançados. Por fim, concluímos que esta experiência foi muito importante para nossa formação pessoal e profissional, a universidade abrange nossos horizontes, nos apresenta diversas oportunidades, novos conhecimentos, nos ensinam a pesquisar, mas é somente em sala de aula que todo ensinamento é posto em ‘cheque’, é somente diante de alunos interessados ou não no que temos a dizer, que tudo o que aprendemos adquire forma, ganha sentido. Não basta somente “ensinar” conteúdos, é preciso pensar, questionar, preparar, executar, questionar novamente e, por fim, inovar.

**Palavras-chave:** Estágio, escola, experiência, conceito

---

### **Introdução:**

Durante o mês de março de 2013 realizamos as atividades de Estágio Supervisionado IV na Escola Estadual Coronel Tônico Franco. As atividades se iniciaram ainda em sala de aula, por meio de leituras bibliográficas e estudos de documentos, como o Currículo Básico Comum (CBC) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como também o levantamento de algumas questões que poderiam cruzar o contexto do Ensino Médio. Nesse sentido, passamos pelo tema da juventude. Refletimos que é preciso considerá-la em multiplicidade, ou seja, não encarando-a como um algo de uma única faceta, mas pelo contrário, como afirma Juarez Dayrell (2007), referindo-se

à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade [...] ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p. 1108).

Partimos para o contato com as escolas. Em seguida, realizamos algumas observações em sala de aula por meio do registro em notas de campo e depois elaboramos a sequência de ensino, para que fosse aplicada nas turmas selecionadas. Assim, a parte prática do estágio se deu em todas as turmas – quatro turmas – de terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Coronel Tônico Franco. O presente texto resulta desta experiência. Em primeiro momento, descrevemos o espaço escolar. Em seguida discutimos a sequência de ensino elaborada, assim como a experiência de aplicação e seus resultados.

### **Considerações sobre a escola e o espaço escolar**

O local que possibilitou a construção da prática do Estágio Supervisionado IV foi a Escola Estadual Coronel Tônico Franco, situada na cidade de Ituiutaba/MG. A Escola atende um público aproximado de 1.430 alunos, divididos entre o ensino

fundamental, ensino médio e educação para jovens e adultos (EJA). Atendendo em três turnos: diurno, vespertino e noturno. Totalizam oito professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental; dezoito professores que atuam entre 6º e 9º ano; vinte e oito professores atuando no ensino médio; um orientador educacional; três supervisores; dois vice-diretores; três bibliotecários; oito auxiliares de educação e vinte ajudantes de serviços gerais. Possui o título de escola referência, juntamente com as escolas: E. E. Gov. Israel Pinheiro e E. E. Antônio Souza Martins. Localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, é referência para muitos pais como escola pública de boa qualidade.

A escola Estadual Coronel Tônico Franco possui regime anual, este subdividido em quatro bimestres. As aulas ocorrem de segunda a sexta-feira, com duração de 4hs e 30min, sendo que estes são divididos em horários de 50min para cada disciplina (matemática, história, geografia, português, inglês, etc.) e 20min de intervalo entre o terceiro e quarto tempo. O principal marco dessa divisão é: o sinal que toca a cada 50min indicado a troca de professores; e as avaliações mensais que indicam a troca de temáticas a serem estudadas. E por fim as provas bimestrais, que indicam o final de um ciclo e início de outro.

Importante observar que as provas bimestrais são realizadas em conjunto, sendo que a escola organiza um período para realização das mesmas; as datas das provas mensais e trabalhos são decididos de acordo com o calendário próprio estipulado pelo professor, e as provas bimestrais são decididas pela coordenação.

O espaço escolar conta com um total de 17 salas de aula – 16 utilizadas atualmente; uma biblioteca com acesso liberado tanto para professores quanto alunos; uma quadra de esportes onde são realizadas as atividades em grupo como jogos de futebol e atividades relacionadas à matéria de Educação Física; uma cozinha – refeitório; um laboratório de ciências; uma sala reservada para os professores próximo à sala da direção; quatro banheiros, sendo um feminino e um masculino, e os outros dois são mistos. Um banheiro (feminino / masculino) está localizado próximo a sala dos professores e é reservado só para utilização dos professores e funcionários da escola, assim como um que está localizado na secretaria, e os outros dois (feminino e masculino) estão localizados no pátio da escola e ambos possuem acesso para deficientes, para uso dos alunos.

A escola possui funcionários para o controle de entrada e saídas dos alunos, tanto no início ou fim das aulas, como no horário reservado ao intervalo, este funcionário é responsável por trancar os portões para que os alunos não o atravessem; uma vez que no momento em que o aluno se encontra no espaço escolar, esta se torna responsável pelo mesmo e por possíveis danos.

Durante o intervalo os professores se reúnem na sala destinada a eles, onde se alimentam e trocam informações diversas, esta sala possui uma televisão, um sofá, uma mesa com cadeiras, e armários individuais. Além de um quadro negro no qual as informações importantes são registradas. Na porta desta sala existe um cartaz afirmando que a entrada de alunos é proibida, e mesmo quando a porta está aberta os alunos não entram, aguardam um possível atendimento do lado de fora.

As salas de aula possuem aproximadamente 35 alunos, e por serem pequenas acabam causando um tumulto maior, nem sempre as mesas estão organizadas corretamente, por falta de espaço. O espaço reservado para mesa do professor também é pequeno, sendo que este necessita utilizar outros espaços para distribuir seus materiais como bolsa, pastas e livros. Os alunos depositam o lixo atrás da porta - não existem cestas.

### **A experiência do estágio: desafios e possibilidades**

O tema proposto para realização das aulas de estágio surgiu por meio da professora. Ela propôs que se trabalhasse nas aulas disponibilizadas para a experiência o tema da Primeira Guerra Mundial. A partir disso, nos movemos em torno da preparação de uma Sequência de Ensino que fosse aplicada nas aulas de História das turmas de terceiro ano do Ensino Médio da Estadual Coronel Tônico Franco. Por “sequência de ensino” entendemos uma série de atividades organizadas, agrupadas por um mesmo tema, envolvendo determinado número de aulas. Definição dada por Hermeto (2012), ao compor uma proposta de sequências através da canção popular, ela situa, de acordo com Aguiar Jr. (2005), que a *sequência de ensino* compõe um planejamento “em quatro categorias de atividades, cada uma com função específica no processo de ensino-aprendizagem, correspondendo às fases por que passa o sujeito ao interagir com um conhecimento novo” (HERMETO, 2012, p. 149).

Nesse sentido, a estrutura da sequência de ensino é composta por quatro momentos: a problematização inicial, momento em que a atividade sensibiliza a turma com o tema a ser trabalhado, assim como pode se constituir como o momento de identificação dos conhecimentos prévios e representações acerca do tema a ser trabalhado; o desenvolvimento da narrativa, que se constitui em parte importante da sequência, onde o professor aplica as atividades de acordo com a ciência de referência, que segundo Miriam Hermeto “é o momento em que o aluno toma contato com a abordagem teórica que o professor escolheu para o tema, a partir de discursos científicos da disciplina” (HERMETO, 2012, p. 149); a aplicação de novos conhecimentos, quando os alunos aplicam os conhecimentos, atribuindo relações com o conteúdo e questões levantadas no momento do desenvolvimento da narrativa; e por último a reflexão sobre o que foi aprendido, ou seja, a reflexão síntese, momento de sistematização “dos conteúdos estudados na sequência de ensino, que tem o objetivo central de promover uma tomada de consciência e formalizar os conhecimentos construídos (HERMETO, 2012, p. 150).

A partir disso, como constituir então uma *sequência de ensino* circunscrita pela Primeira Guerra Mundial? Em primeiro lugar, buscamos no Currículo Básico Comum os pontos iniciais para início da construção da sequência, como forma de contextualizar os conhecimentos necessários de mobilização no Ensino Médio, já que o documento expressa aspectos essenciais das disciplinas a serem trabalhados na Rede Pública do Estado de Minas Gerais. Situamo-nos a partir do eixo temático “Expansão das Fronteiras: a Guerra como Possibilidade Permanente”, com o tema de “Expansão e Guerra”. Pautados pelo documento, construímos os seguintes objetivos: (1) conceituar capitalismo monopolista, imperialismo e nacionalismo; (2) identificar as inovações tecnológicas que sustentaram a euforia européia no início do século XX e a euforia da *Belle Époque*; (3) explicar como se definiram os dois blocos de nações rivais a partir do início do século XX; (4) localizar geograficamente os principais impérios coloniais às vésperas da Primeira Grande Guerra; (5) contextualizar a eclosão do conflito: causas e consequências; (6) ressaltar a noção de processo histórico; e (7) refletir sobre a maneira ocasionada pela Primeira Guerra para a resolução dos problemas e interesses dos agentes envolvidos, valorizando uma atitude crítica as formas de violência e de valorização do diálogo, da tolerância e da justiça.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio foi outro documento que auxiliou na constituição da sequência. A partir dele, por exemplo, buscamos constituir um diálogo entre o tema a ser trabalhado e colaboração para uma formação cidadã. Como afirma o documento:

Importa perceber quais os conceitos e procedimentos de análise e interpretação, construídos e empregados na e pela prática da produção do conhecimento, são imprescindíveis para permitir aos alunos do ensino básico apropriarem-se de uma formação cidadã histórica que os auxilie em sua vivência como cidadãos. Para iniciar o aluno nos processos de ensino-aprendizagem, sugere-se uma reflexão sobre alguns conceitos e procedimentos do conhecimento histórico considerados fundamentais. A partir dessas considerações, é possível iniciar um debate construtivo para corrigir, redimensionar, confirmar e sugerir outras possibilidades (BRASIL, 2006, p. 73).

Tais conceitos definidos indicados como fundamentais para a construção deste conhecimento, seriam os de processo histórico, tempo, poder, cultura, memória e cidadania. Como esta foi uma atividade contextualizada, nossas possibilidades de atuação foram demarcadas pelo limites, ou seja, realizou-se uma experiência de poucas aulas, nas turmas onde ainda não nos configurávamos como professores efetivos. Entretanto, buscamos nestas orientações uma base para construção da sequência. Definimos que era essencial o entendimento dos conceitos de imperialismo, capitalismo monopolista e monopólio, e nacionalismo. Bem sustentados, poderiam mais do que resultar numa coleção de fatos sobre o contexto histórico da Primeira Guerra e suas influências no mundo contemporâneo, poderiam ser, pelo contrário, colaborar na sustentação do entendimento de processo histórico, como afirma as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, este procedimento:

[...] a referência à contextualização vai mundo além daquela intenção de “situar” fatos e acontecimentos que estão sendo estudados na pretensa referência a aspectos gerais de uma situação histórica, externos à produção do conhecimento em pauta, como se fosse necessário descrever o “pano de fundo” no qual eles estariam “inseridos”. Evita-se também entender a contextualização como se fosse apenas e tão-somente a referência a temas específicos e candentes do cotidiano dos alunos. Estes poderão e deverão ser

pontos de partida para a problematização do trabalho com a História [...] (BRASIL, 2006, p. 69).

Buscamos desde a primeira aula ressaltar a importância de se compreender estes conceitos para o entendimento de por que uma guerra havia ocorrido. Assim, ressaltávamos que aquilo ajudava compreender o processo que havia desencadeado a guerra, que uma luta como esta não ocorria sem precedentes. Outro grande objetivo, contribuindo na formação cidadã, foi a reflexão acerca da maneira “selecionada” pelas potências imperialistas européias para o encaminhamento do problema enfrentado por elas naquele contexto antes da Guerra. Como afirmou Hobsbawm (1995):

Se um dos grandes ministros ou diplomatas do passado [...] se levantasse da cova para observar a Primeira Guerra Mundial, certamente se perguntaria por que estadistas sensatos não tinham decidido resolver a guerra por meio de algum acordo, antes que ela destruísse o mundo de 1914. É o que também nós devemos nos perguntarmos (HOBSBAWM, 1995, p. 37).

Assim, objetivamos refletir sobre as diversas maneiras de enfrentamento dos problemas oriundos das divergências, valorizando uma atitude crítica frente a escolha das formas de violência, valorizando a possibilidade do diálogo, da tolerância e da justiça.

Definidos os objetivos e o processo de constituição da *sequência de ensino*, como realizamos isso tudo? Ou seja, quais as atividades que instituíram e deram corpo a tal sequência?

Nossa primeira atividade, exercendo o papel de problematização, constitui-se no levantamento de “Por que uma guerra ocorre?”. As reações foram diversas nas diferentes turmas. Em geral, afirmavam que uma guerra poderia ocorrer por motivos de disputa de poder, ganância e interesses conflituosos. Em seguida, anotamos no quadro mais um questão: “Por que uma guerra mundial?”. Com uma pequena introdução acerca da Guerra, situando quando ocorreu, também questionamos: “Se a guerra centrou-se apenas na Europa e movida por alguns de seus países, por que ela é chamada de uma

Guerra Mundial?”. Isso nos ajudou a iniciar a importância de compreensão dos conceitos de monopólio, imperialismo e nacionalismo.

Para desenvolvimento da narrativa produzimos três textos para leitura e discussão em sala de aula. O primeiro objetivou-se contextualizar a guerra e por que ocorrera. O objetivo deste primeiro texto era principalmente definir os conceitos, voltando a Revolução Industrial para justificar o processo de busca de novos mercados mundo afora. O segundo texto tratou dos países envolvidos, alianças, das causas e da caracterização da guerra. Por último, elaboramos um que falasse o mundo pós-guerra, o que havia mudado após quatro anos de conflito.

Para aplicação de conhecimentos, os alunos realizaram atividades de definições no caderno, elaborando os significados apreendidos dos conceitos, das alianças e das fases da guerra. Também utilizamos um Mapa Mundi para situar geograficamente os países envolvidos no conflito.

Por último, como reflexão síntese, os alunos produziram uma redação sobre o que haviam compreendido sobre a Primeira Guerra nestas três aulas, assim, escrevemos no quadro a questão “O que entendi sobre a Primeira Guerra Mundial?”, e pedimos para que realizassem a atividade para que pudessemos levar conosco.

Em linhas gerais, os textos produzidos pelos alunos evidenciavam a Primeira Guerra como um momento decisivo para o mundo contemporâneo, que foi movida por disputa de poder econômico e que significou um momento sangrento. Alguns referenciavam a Segunda Revolução Industrial como força que desencadeou o conflito. Outros realizam o procedimento de síntese, perpassando pelos conceitos trabalhados, ainda que de modo não explícito, justificando por que a guerra havia ocorrido. Vejamos um fragmento de texto produzido por um dos estudantes:

“Primeira Guerra Mundial”

A Primeira Guerra mundial surgiu por diversos fatores. Um deles foi o imperialismo. Esse imperialismo surgiu com a necessidade que os monopólios tinham de se expandir, então cada monopólio de diversos países conquistaram colônias na África, em busca de matérias primas e mão-de-obra barata, até que eles começaram a competir essas colônias, e com isso dominando as colônias de outros países. Então se iniciava a Guerra Mundial, que teve uma repercussão no mundo inteiro. (Estudante A)

Nesta redação o aluno buscou compreender a extensão da Guerra, tentando justificar por-que ela significava uma guerra que era mundial. Outra redação também tentou compreender por que a guerra aconteceu:

“A Guerra que mudou o mundo!”

A Guerra Mundial foi considerada mundial devido aos monopólios precisarem de terras para o cultivo e retirada de matéria prima. As terras de menos poder já havia se esgotado então o jeito era tomar as áreas que já estavam dominadas por outros países imperialistas. (Estudante B).

Outro texto retomou às Revoluções Industriais:

“O início e o desfecho de uma grande guerra”

Para que possamos falar da Primeira Guerra Mundial, é preciso lembrar que tudo começa quando surge a revolução industrial, onde a manufatura passa a ser substituída pelas máquinas e os países passam a disputar territórios para ampliar suas tecnologias, surgindo o imperialismo, fator dominante para que se criassem grandes potências, dominações, tendo assim papel preponderante para desencadear uma Primeira Guerra Mundial [...] (Estudante C).

Em seguida, o aluno passa as fases da guerra, não justificando o imperialismo como causa do conflito.

“Guerra Mundial”

[...] Esse conflito é mundial porque é por meio da história que se entende o presente e o futuro. E tudo isso ocorreu por causas de aspectos econômicos imperialistas, nacionalista e até mesmo por orgulho. (Estudante C).

As redações tentaram compreender a Guerra como um momento de disputa entre potências. Não encontramos, especificamente, as definições dos conceitos estudados, mas podemos verificar que eles estão presentes na maioria das redações ao justificar os motivos que levaram à Guerra. Isso nos leva a refletir sobre o conhecimento escolar como um conhecimento legítimo. No momento em que não definem os conceitos para apresentarem por meio dos textos o que aprenderam sobre a Primeira Guerra, os alunos estariam cometendo uma folha interpretativa?

Acreditamos que não. Retomamos Monteiro (2007), ao afirmar que a relação entre saberes, o científico e o escolar, nos situa sobre os principais debates acerca das investigações entre tais conhecimentos. Ela apresenta o surgimento do conceito de “transposição didática”, demonstrando as contradições e as contribuições que tal conceito trouxe para a reflexão sobre o ensino. Demonstra como foi questionado e renovado. Entretanto, sua análise situa-se no saber histórico, ou seja, nas disciplinas de história, acadêmica e escolar. Após situar os debates e mutações que o conhecimento sofreu após se institucionalizar, desde a “escola histórica alemã” até o “retorno da narrativa”, ela nos traz para dentro da reflexão específica sobre esse conhecimento no *locus* escolar. Para ela, ambos são específicos. A complexidade da construção do saber humanos, nesse caso a História, depende muito da forma como é socializado. Nesse momento, e na escola, surgem as figuras dos professores que mesmo se apropriando de um saber “externo”, acadêmico, são capazes de constituir ali os próprios sentidos e conexões necessárias ao “saber escolar”.

Nesse sentido, o saber escolar está relacionado com outros conhecimentos. Algumas abordagens tendem a situá-lo por meio de uma relação hierárquica com o conhecimento acadêmico, no qual o conceito de transposição didática trouxe soluções fundamentais para a adaptação do conhecimento científico nas escolas de educação básica. Por outro lado, e não dissolvendo o conceito de “transposição didática”, outras abordagens posteriores confirmam que a relação entre conhecimento escolar e conhecimento acadêmico não se constitui de forma “dura” e hierárquica. É válido que o conhecimento acadêmico tem a possibilidade de se constituir *a priori* do saber escolar (e nesse sentido “saber escolar” se transforma em outro conceito capaz de escapar da visão determinista da relação entre conhecimento científico e escolar), mas ele não determinaria “em todo” as práticas escolares e, talvez, as formas de seu próprio conhecimento. Por isso, contribuições como a de Monteiro surgiram a fim de possibilitar novas reflexões da construção destes conhecimentos, como, por exemplo, a consideração de outros fatores que intermetiam as relações escolares, ou seja, a cultura e a mediação do saber, nesse caso, dos próprios professores. Diferentemente das abordagens sobre a “transposição didática” que se situava em campos disciplinares diferentes, a História, assim como as demais ciências humanas, necessitam de análises próprias que analisem o interior da constituição da disciplina como saber. O

conhecimento histórico, dito científico, é escrito, *publicizado*, e de certo modo dialoga com o conhecimento escolar. Mas o “saber escolar” é dado por aquele movimento presente em seu cotidiano: o professor e os alunos, que podem se apropriar, mas contam e recontam este conhecimento construindo próprios sentidos.

### **Considerações finais**

Pensar, criar, organizar e executar uma sequência de ensino é uma das tarefas mais importantes para o docente, tornando-se assim um aprendizado essencial na formação do professor-educador enquanto o mesmo é apenas um discente. Não basta apenas conhecer ou reproduzir certo conteúdo, é preciso estar atento não somente ao local onde a mesma será executada, mas também planejar com clareza quais objetivos a serem conquistados, e nisto incluímos habilidades e competências necessárias para o reconhecimento e construção do aluno enquanto sujeito histórico, enquanto responsável por sua própria história.

Durante este semestre nos aproximamos mais do cotidiano escolar, trabalhamos temas que estão diretamente ligados à juventude, dialogamos temas essenciais para construção do conhecimento histórico, e, por fim, executamos uma sequência de ensino, algo que não se realizara em outros semestres. Vimos, por meio dos textos produzidos pelos alunos, a importância da preparação e dedicação do profissional diante do que será exposto aos alunos, a importância em pesquisar temas, trazer novos autores, novas abordagens, dialogar com o livro didático e por fim, trazer a História, enquanto disciplina, para realidade do mesmo. Ensinar visando apenas uma boa aprovação, ou uma boa colocação no vestibular não é e não deve ser o foco principal do professor de História, ele precisa, essencialmente, mostrar caminhos que levem o aluno a pensar, argumentar e principalmente questionar a sua própria realidade.

Por fim, ressaltamos a importância dessa experiência para nossa formação pessoal e profissional, a universidade abrange nossos horizontes, nos apresenta diversas oportunidades, novos conhecimentos, nos ensinam a pesquisar, mas é somente em sala de aula que todo ensinamento é posto em ‘cheque’, é somente diante de alunos interessados ou não no que temos a dizer, que tudo o que aprendemos adquire forma, ganha sentido. Não basta somente “ensinar” conteúdos, é preciso pensar, questionar, preparar, executar, questionar novamente e, por fim, inovar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio.** Ciências humanas e suas tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em [http:// www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br) . Acesso dia 10-09-2010.

HERMETO, Mirian. A canção popular brasileira e o ensino de história. In: \_\_\_\_\_. **Canção popular brasileira e o ensino de história:** palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp. 149-196.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos:** o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** Rio de Janeiro, nº 1, jan/jun 2001.

MINAS GERAIS. CBC. **História: proposta curricular.** Ensino Fundamental e Médio.

MONTEIRO, Ana Maria. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In \_\_\_\_\_. **Professores de História: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.